Parte I

1 - Colocações e estudos existentes sobre o aspecto no Português

Luiz Carlos Travaglia

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

TRAVAGLIA, L.C. Colocações e estudos existentes sobre o aspecto no Português. In: *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão* [online]. 5th ed. Uberlândia: EDUFU, 2016, pp. 19-38. ISBN: 978-65-5824-014-3. <https://doi.org/10.7476/9786558240143.0003>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PARTE I

1 - Colocações e estudos existentes sobre o aspecto no Português

1.1 - PRELIMINARES

Para iniciar este trabalho julgamos pertinente fazer uma exposição ligeira do levantamento feito do que já se disse sobre a categoria do aspecto no Português. O que encontramos foi pouco, embora tenhamos encontrado pelo menos um trabalho de porte como é o de Castilho (1967).

Parece-nos válido expor aqui a síntese do que pudemos encontrar dito por vários estudiosos da Língua Portuguesa sobre a categoria de aspecto, já que isto nos serviu de ponto de partida e para que se tenha uma visão do que se disse e como se disse. Muitas vezes o que temos é uma superposição ao Português de quadros aspectuais criados por estudiosos de outras línguas, quase sempre não se define com clareza a categoria ou as noções enquadradas dentro dela que, com frequência, são simplesmente nomeadas.

Nas referências a aspecto que encontramos nos estudiosos podemos separar dois tipos:

- a. **Diretas:** quando o autor fala explicitamente em aspecto, buscando conceituar a categoria, apresentar um quadro aspectual e, por vezes, especificar as formas de expressão da categoria;
- b. **Indiretas:** quando o autor não se refere à categoria de aspecto, mas, ao estudar determinados fatos da língua, se refere a noções que, como se verá, são nitidamente aspectuais. Esse tipo de referência aparece principalmente quando os autores estão tratando do emprego dos tempos e modos verbais ou do valor das perífrases e verbos auxiliares. São, portanto, referências descaracterizadas.

Passemos, pois, à exposição do que encontramos sobre o aspecto em Língua Portuguesa, esclarecendo ainda que, para facilidade de exposição e compreensão, agrupamos as referências indiretas pelo quadro aspectual que proporemos como final neste trabalho.

1.2 - REFERÊNCIAS INDIRETAS

1.2.1 - ASPECTOS NÃO REFERIDOS - O INCEPTIVO

Primeiramente convém observar que não há referências indiretas aos aspectos que em nosso quadro aspectual chamaremos de **perfectivo, imperfectivo, terminativo e não começado**.

Dias (1970, p.187-188 e p.247-248) faz uma referência indireta ao aspecto que chamaremos de inceptivo, quando diz que as perífrases no pretérito imperfeito do indicativo são usadas para falar de uma ação na qual só se deu o primeiro passo, significando que a ação começou mas não se realizou. Embora haja a referência à noção aspectual, como se poderá ver na parte relativa às perífrases no capítulo sobre a expressão do aspecto, a perífrase referida não exprime inceptividade nem no pretérito imperfeito do indicativo nem em outro tempo qualquer.

Referências indiretas podem ainda ser encontradas em relação aos aspectos que chamaremos de:

1.2.2 - DURATIVO

Said Ali (1971, p.310-322) e Said Ali (1964, p.161-162) se refere a este aspecto ao dizer que o presente do indicativo e principalmente o pretérito imperfeito denota ação durativa. É o mesmo que faz Bechara (1977, p.274) ao afirmar que o pretérito imperfeito do indicativo é o tempo da ação prolongada e Cunha (1975, p.436)¹, que ao diferenciá-lo do pretérito perfeito também diz que exprime ação durativa. Cunha (1975) ainda se refere indiretamente ao aspecto durativo, quando às páginas 380 e 382 fala do valor das perífrases ANDAR ou ESTAR ou FICAR + GERÚNDIO e quando, à página 463, diz que o gerúndio expressa uma ação durativa. Também Bechara (1977, p.274), ao dizer que o pretérito perfeito composto indica prolongamento de um fato até o momento em que se fala, e Dias (1970, p.274), ao dizer que as perífrases representam a ação como objeto de ocu-

¹ Consultamos não apenas Cunha (1975), mas também Cunha (1972), entretanto, como não há diferenças entre as duas obras, fazemos a citação apenas pela mais recente delas.

pação prolongada, se referem indiretamente ao aspecto aqui tratado. Said Ali (196, p.183) diz que as perífrases de IR ou VIR + GERÚNDIO são usadas para significar melhor a duração do fato.

1.2.3 - INDETERMINADO

Said Ali (1971, p.310), Said Ali (1964, p.161) e Cunha (1975, p.430), quando falam sobre uso do presente que intitulam “presente durativo” e Dias (1970, p.184), quando fala do “presente Universal” que designa o que se dá em todo o tempo, estão indiretamente falando do que chamaremos de aspecto indeterminado. Também o fazem Cunha (1975, p.433), quando diz que o pretérito imperfeito do indicativo é usado “para designar fatos passados concebidos como contínuos ou permanentes”, e Dias (1970), quando diz, à página 187, que o pretérito imperfeito do indicativo é usado para indicar genealogia e qualidades de um indivíduo ou que pode ser usado no lugar do presente universal em orações subordinadas a um pretérito; às páginas 188 e 189, quando diz que o pretérito perfeito do indicativo pode substituir o presente universal² e às páginas 195 e 196, quando diz que se usa o futuro do pretérito para falar de uma coisa que pertence a todo o tempo.

1.2.4 - ITERATIVO:

O presente do indicativo e o pretérito imperfeito do indicativo são dados como tempos que apresentam o processo verbal como algo que se repete por Said Ali (1971, p.310-22), Said Ali (1964, p.161-162) (presente frequentativo), Bechara (1977, p.274) (só se refere ao pretérito imperfeito) e Dias (1970, p.184) (presente iterativo). Bechara (1977, p.274), Dias (1970, p.189) e Cunha (1975, p.435) dizem que o pretérito perfeito composto (presente do indicativo de TER + PARTICÍPIO) exprime a repetição de um fato, de uma ação até o momento presente. Cunha (1975) ainda se refere ao aspecto iterativo à página 379 ao falar do valor das perífrases TER ou HAVER + PARTICÍPIO e à página 436, quando diz que o pretérito perfeito do indicativo só pode indicar iteração com o auxílio de adjuntos adverbiais. Said Ali (1964, p.183) diz que a perífrase ANDAR + GERÚNDIO é usada para significar melhor a repetição do fato.

² Não concordamos com isso, pois a nosso ver o pretérito perfeito do indicativo não pode expressar o aspecto indeterminado, mas antes serve para nos referirmos a uma aplicação específica do que é aplicável a todos os tempos ou é tido como uma verdade.

1.2.5 - HABITUAL

Referência indireta ao aspecto habitual é feita por Said Ali (1971, p.310-22), Said Ali (1964, p.161-2) (presente frequentativo), Cunha (1975, p. 430, 432-3, 436) (presente do indicativo e pretérito imperfeito do indicativo habitual ou frequentativo), Bechara (1977, p.273) e Dias (1970, p.184) (presente iterativo), quando dizem que o presente do indicativo e o pretérito imperfeito do indicativo indicam, expressam um fato, uma ação que é costume, que acontece habitualmente. Bechara (1977, p.274) ainda se refere ao habitual ao dizer que o pretérito perfeito composto indica fato habitual.

1.2.6 - PONTUAL

Referência indireta ao aspecto que chamaremos de pontual só encontramos em Cunha (1975, p.436), quando na distinção **b** entre pretérito imperfeito e pretérito perfeito do indicativo, ele diz que o segundo expressa ação momentânea e em Dias (1970, p.188), quando diz que o pretérito perfeito apresenta os acontecimentos que se deram considerados como simples **momentos** históricos (perfeito histórico).

1.2.7 - CURSIVO

Ao falar do emprego e do valor do presente do indicativo, vários autores se referem indiretamente ao aspecto cursivo, quando dizem que este tempo enuncia ou expressa o fato, a ação como ocorrendo no momento em que se fala ou que tendo começado no passado se prolonga até o momento em que se fala. Estão neste caso: Said Ali (1971, p.310), Said Ali (1964, p.161), Cunha (1975, p.429) (presente momentâneo), Bechara (1977, p.273) e Dias (1970, p.183-184). Dias ainda esclarece que para indicar o que está se dando no momento em que se fala sem confusão com o que costuma acontecer devem-se usar, no presente do indicativo, as perífrases “estar + particípio presente (gerúndio) ou a + infinitivo”. Said Ali (1971, p.160 § 819) também alude ao valor cursivo das perífrases acima e atribui o mesmo valor à perífrase “ir + gerúndio.

Cunha (1975, p.432) e Dias (1970, p.185-6) aludem ao que chamaremos de aspecto cursivo, quando dizem que, com o pretérito imperfeito do indicativo, expressamos o que se estava processando no passado, quando sobreveio outra ação ou fato; ou expressamos o que tendo começado, continuava ainda no tempo em que se deu um fato. Mais uma vez Dias (1970) observa que para expressar esta noção sem confusão com o que costumava acontecer é preciso usar a conjugação perifrástica acima referida no pretérito imperfeito do indicativo Cunha (1975, p.457 e 461) diz que o gerúndio apresenta o processo verbal em curso.

Dias (1970) ainda se refere indiretamente ao aspecto cursivo em duas passagens: às páginas 186 e 187, quando diz que se usa o pretérito imperfeito do indicativo dos verbos “dicendi” em vez do pretérito perfeito do indicativo para representar o leitor ou o ouvinte como assistindo ao seguimento do discurso, e à página 189, quando diz que o pretérito perfeito composto (para ele pretérito perfeito indefinido) exprime a continuação de uma ação desde certo momento até o momento em que falamos.

1.2.8 - NÃO ACABADO OU COMEÇADO

Cunha (1975, p.432 e 434) se refere a este aspecto ao dizer que o pretérito imperfeito do indicativo expressa fato passado mas não concluído, inacabado.

Bechara (1977, p.274) e Dias (1970, p.192 e 248) fazem referência ao aspecto começado ao dizer que as perífrases expressam de modo preciso a ação como começada.

1.2.9 - ACABADO

Cunha (1975, p.435) e Dias (1970, p.189) (pretérito absoluto) se referem indiretamente ao aspecto acabado, quando dizem que o pretérito perfeito do indicativo exprime uma ação concluída, um fato consumado.

Para Cunha (1975, p.464-465) e Said Ali (1971, p.159 § 809) o particípio encerra a noção definidora do aspecto acabado, uma vez que, para eles, essa forma nominal exprime o resultado de uma ação acabada o que levou vários autores a falarem em aspecto **resultativo** (ou **permansivo**). Já Dias (1970, p.246) diz que o particípio indica uma ação pretérita (= acabada, nesta passagem).

Cunha (1975, p.379 e 440 e ss.), Bechara (1977, p.111) e Dias (1970, p.194-5) afirmam que os chamados tempos compostos (TER ou Haver + PARTICÍPIO) exprimem a ação como acabada, concluída. Câmara Jr. (1974b, p.143) registra que Said Ali em *Dificuldades da Língua Portuguesa* afirma que estas formas indicam a “realização perfeita” (isto é conclusa) “até o presente, ou até determinado momento do passado ou do futuro”.

Dias (1970, p.250) ainda se refere ao aspecto acabado, quando diz que SER + PARTICÍPIO passivo de verbos intransitivos ou tomados em sentido intransitivo é empregado para exprimir um ato consumado como em (1).

1. Somos chegados.

Como se pode ver, não são poucas as referências feitas a noções aspectuais por autores que, às vezes, nem mesmo aludem diretamente à existência de uma categoria verbal de aspecto. Isto serve para demonstrar a importância do aspecto na semântica da frase, pois, mesmo sem referir explicitamente a existência da categoria, os estudiosos da língua comentam o uso de formas verbais em função desta categoria nas suas manifestações mais patentes pela frequência ou força semântica.

Passemos agora às referências diretas.

1.3 - REFERÊNCIAS DIRETAS

Fazem referência direta à categoria de aspecto os seguintes estudiosos da Língua Portuguesa:

1.3.1 – SAID ALI (1971)³

Nesta seção, falando de conjugação composta, Said Ali utiliza a palavra aspecto e fala de aspecto **imperfectivo** para se referir à conjugação simples e de aspecto **perfectivo** para se referir à conjugação composta com o verbo auxiliar TER e verbo principal no particípio. Parece-nos, pois, que estes termos estão se referindo mais à forma de conjugação do que a alguma noção semântica que defina uma categoria verbal ou alguma subdivisão desta categoria.

Em nenhum momento Said Ali define o que está chamando de aspecto, mas não cremos que com este termo ele esteja se referindo à categoria verbal objeto deste trabalho, uma vez que além de falar dos aspectos imperfectivo e perfectivo ele fala também de aspectos que nada têm a ver com a categoria verbal em questão, tais como o aspecto **passivo** para referir-se à conjugação de voz passiva (ser + particípio) e o aspecto **necessitativo** que semanticamente envolve uma modalidade (de necessidade, obrigação) para identificar a conjugação perifrástica TER+DE+INFINITIVO. Este autor fala ainda do aspecto do momento rigoroso, referindo-se à conjugação de ESTAR + GERÚNDIO, que ele diz ser a enunciação da “ação como se passando rigorosamente no momento em que se fala (presente) ou de que se fala (pretérito ou futuro)”. Esta definição do aspecto do **momento rigoroso** é, possivelmente, uma das melhores definições que se poderia dar do que chamaremos de aspecto cursivo.

Pelo que Said Ali diz no parágrafo 831, ao introduzir o quadro da página 163, vê-se claramente que ele não está falando da categoria verbal que nos propomos

³ p. 161-3, §§ 822 a 831.

estudar aqui, mas se refere apenas a tipos de “conjugação simples” e de “conjugação composta”, aludindo a noções aspectuais que as perífrases comentadas expressam, como é natural ocorrer quando se fala do valor de tais perífrases.

Outro elemento que nos permite afirmar que Said Ali está preocupado em rotular apenas elementos formais é o fato de ele colocar, por exemplo, em seu quadro da página 63, no “aspecto imperfeito”, formas que reconhecidamente marcam o que chamaremos de aspecto perfectivo tais como o pretérito perfeito e o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, o que só ocorre em consequência de estar ele preocupado apenas com a forma.

1.3.2 - CUNHA (1975)⁴

À página 380, Celso Cunha diz que alguns verbos são usados como auxiliares para “indicar matizes de tempo ou para marcar certos aspectos do desenvolvimento da ação” tais como a **progressividade, o firme propósito de realizar algo ou o resultado final da ação**.⁵ Pelos aspectos do desenvolvimento anotados percebemos que Celso Cunha usa o termo “aspecto” num sentido geral e não no sentido especializado da categoria verbal objeto deste estudo.

À página 457, ao falar do valor do infinitivo e do gerúndio composto, Cunha apresenta o seguinte quadro:

	ASPECTO NÃO CONCLUÍDO	ASPECTO CONCLUÍDO
Infinitivo	Escrever	Ter escrito
Gerúndio	Escrevendo	Tendo escrito

Neste quadro o autor fala outra vez de aspecto e agora com referência a noções que estão entre aquelas que reputamos como pertencentes à categoria de aspecto: **não concluído/concluído**, que se identificam com os aspectos que chamaremos de não acabado/acabado. Também à página 463, ao falar do valor do gerúndio, diz que esta forma nominal tem aspecto inacabado, referindo-se, mais uma vez, a noção enquadrada na categoria de aspecto.

Ainda à página 463, Cunha diz que o gerúndio se combina com os verbos **estar, andar, ir e vir** para marcar diferentes aspectos da execução do processo

⁴ Ver nota 2.

⁵ Como veremos mais adiante, progressividade, firme propósito de realizar algo ou resultado final da ação não são aspectos de acordo com a definição que daremos da categoria.

verbal e se refere a aspectos tais como **do momento rigoroso, intensificação, reiteração, progressividade, progressividade até o momento presente**, o que, como veremos, inclui elementos não aspectuais (progressividade, intensificação), levando-nos mais uma vez a pensar que o autor está usando o termo aspecto não no sentido específico de uma categoria verbal, mas num sentido geral. Outro elemento que nos leva a pensar assim é o fato do autor apresentar a duração das ações expressas pelo gerúndio (que como veremos é uma noção aspectual) à parte do que ele chama de aspecto.

Como se vê, Cunha se refere diretamente a aspecto, mas não o trata como uma categoria verbal, não busca conceituar aspecto ou estabelecer um quadro aspectual, definindo os aspectos. O que temos é uma utilização do termo aspecto sem qualquer preocupação de sistematizar algo sobre o assunto, sendo quase certo que o autor utilizou a palavra “aspecto” sem estar pensando na categoria que tem este nome.

1.3.3 – AZEVEDO FILHO (1975)

Azevedo Filho, às páginas 63 e 64, define o aspecto como sendo “a duração do processo verbal ou o prisma sob o qual ele é apreciado”. Como se pode ver, a segunda parte da definição (“o prisma sob o qual ele é apreciado”) é muito vaga.

Este autor apresenta o seguinte quadro aspectual: “designando a duração, o processo verbal pode ser **momentâneo ou durativo**”. Designando o aspecto propriamente dito, pode ser **incoativo** (começo de ação) em seu curso e inconcluso (aspecto **inconcluso** ou **imperfeito**) em seu fim já concluso (aspecto **concluso** ou **perfeito**), concluso, mas permanente em seus efeitos (aspectos **permansivo**). Fala ainda de aspecto **frequentativo** e de aspecto **de ação iminente**. Este último, como veremos, é uma noção temporal e não aspectual. O autor apresenta poucos exemplos.

Quanto aos meios de expressão do aspecto, reunindo o que o autor diz às páginas 63 e 64 e às páginas 79 e 86, quando fala do emprego dos tempos e modos, temos o seguinte: o aspecto pode ser expresso pelos tempos verbais ou por locuções verbais em que figuram auxiliares chamados aspectuais. Em síntese tem-se:

ASPECTO	MEIO DE EXPRESSÃO
Momentâneo	Presente do indicativo
Durativo	Presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo (duração, tempo linha), estar + gerúndio.
Incoativo	Presente do indicativo (o único exemplo dado é de um verbo incoativo: amanhecer), começar + a +
Inconcluso	Pretérito imperfeito do indicativo.
Concluso	Pretérito perfeito do indicativo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo, acabar + de + infinitivo.
Permansivo	Pretérito perfeito composto do indicativo, presente do indicativo. ⁶
Frequentativo	Presente do indicativo, costumar + infinitivo.
Habitual	Presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo.
De ação iminente	Ir + infinitivo

O próprio autor reconhece que o assunto comporta discussão mais ampla e remete para o trabalho de Castilho (1967) que, como facilmente se poderá notar, difere do que apresenta Azevedo Filho já pelo quadro de aspectos.

1.3.4 - BECHARA (1977)

À página 110, Bechara diz que “muitas vezes o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal dando origem aos chamados **aspectos do verbo**”.

À página 111, comentando as aplicações dos verbos auxiliares no Português, diz que os chamados “tempos compostos” formados de **ter**, **haver** (raramente) ou **ser** (mais raramente) exprimem que a ação verbal está concluída. Entretanto parece não apresentar o “concluído” como um aspecto do verbo, pois logo adiante à página 111 fala dos **auxiliares acurativos** que “se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor **os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo presente, passado e futuro**” (grifo nosso).

Entre esses aspectos do momento da ação apresenta os seguintes:

- a. Início de ação: começar a escrever, pôr-se a escrever, etc.;
- b. Iminência de ação: estar para (por) escrever, etc.;
- c. **Desenvolvimento gradual da ação, duração**: estar a escrever, andar escrevendo, vir escrevendo, ir escrevendo;

⁶ Os exemplos dados: “Tens estudado muito” e “O Sol é uma estrela” nada têm de permansivo (cf. definição dada) e, como veremos, estas formas não marcam o permansivo.

- d. **Repetição da ação:** tornar a escrever, costumar escrever (repetição habitual), etc.;
- e. **Término de ação:** acabar de escrever, cessar de escrever, deixar de escrever, parar de escrever, vir de escrever, etc.

Como se pode ver, nem todas as noções que são colocadas, tais como as de e e d acima, podem, propriamente, ser chamadas de momentos da ação verbal. Observa-se também que não há uma definição de aspecto, a não ser indiretamente, ao dizer que são aspectos do momento da ação verbal o que nos leva mais para a categoria de tempo do que para o que chamaremos de aspecto.

1.3.5 - LUFT (1976)

À página 131, Luft define aspecto como “a categoria verbal que exprime a oposição término/não término ou acabado/não acabado, a duração do processo” e, à página 124, diz que o aspecto seria a categoria através da qual se exprimem as noções temporais de “**início, duração, ou resultado** de um processo”. Evidentemente o resultado não é uma noção temporal e dizer que o aspecto exprime “noções temporais” pode causar maiores confusões entre aspecto e tempo que muitas vezes são confundidos principalmente por serem muito interligados. Luft não apresenta um quadro aspectual e os exemplos que apresenta são da oposição acabado/não acabado.

Para Luft o aspecto é expresso: a) em **conjunto com o tempo**: cantei/canto, cantara/cantava (= acabado/não acabado); b) **por locução verbal**: estava cantando / tem cantado (o autor não especifica qual a oposição aspectual aqui). À página 136, Luft diz que as locuções verbais podem exprimir aspectos do processo: anterioridade, posterioridade, continuidade, repetição, progressão, início, conclusão, etc.; entretanto não diz que locuções exprimem estes “aspectos” e nem deixa claro se a palavra aspecto aqui foi usada no sentido definido à página 131 ou não, já que as noções arroladas não se enquadram na definição de aspecto que ele dá; c) por **sufixos**: - **ec(er)** incoativo: enriquecer, -**ej(ar)**, -**it(ar)** iterativos: voejar, saltitar; d) pelo próprio **radical verbal** com sua significação característica (andar, parar, etc.). Neste último caso o autor não especifica qual o aspecto expresso.

Como se pode ver não se trata de um estudo mais detalhado sobre o aspecto, mas apenas uma referência que não deixa muito claro o que seja a categoria de aspecto, nem quais são os aspectos possíveis em nossa língua, nem quando cada um está presente, comentário, aliás, válido para a maioria dos trabalhos que se referem diretamente ao aspecto no Português, exceção feita ao trabalho de Castilho (1967).

1.3.6 - PONTES (1972)

Às páginas 80 e 84, Pontes apresenta um conceito de aspecto tirado de Nida⁷ e que é muito pouco esclarecedor, pois é muito pouco relacionado com o quadro de noções aspectuais que apresenta: aspecto seria “a maneira de ser da ação”.

As noções aspectuais que apresenta são duas:

- a. **Durativa, linear, prolongada:** indica ação que se prolonga no tempo;
- b. **Pontual, não linear:** indica ação que se realizou num período de tempo mais determinado, não prolongado.

Estudando qual das duas noções as formas verbais expressam no Português coloquial, Pontes constrói os seguintes quadros:

	LINEAR		NÃO LINEAR	
	Passado	Não passado	Passado	Não passado
Indicativo (real)	Lavava (Pretérito imperfeito)	Lavo (Presente)	Lavei (Pretérito perfeito)	
Subjuntivo (irreal)		Lave (Presente)	Lavasse (Pretérito imperfeito)	Lavar (Futuro)
	LINEAR	NÃO LINEAR	NEUTRO	
Formas Nominais	Lavando (Gerúndio)	Lavado (Participio)	Lavar (Infinitivo)	

Pontes ainda aponta o fato de haver uma seleção de formas adverbiais em função da noção aspectual presente no verbo:

- a. **linear:** expressões adverbiais indicadoras de frequência e hábito;
- b. **não linear:** expressões que limitam a frequência e o hábito ou que precisam um período de tempo mais marcado.

As expressões de tempo determinado com formas não lineares referem-se a um período de tempo definido, enquanto que com formas lineares não se restringem a um período de tempo definido, elas fogem a qualquer pontualidade.

⁷ NIDA, Eugene A. **Morphology - The descriptive analysis of**, 2. ed. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1949, p.167.

Como se vê, Pontes, talvez pelos próprios limites que impôs ao seu trabalho, não diz muito sobre o aspecto.

1.3.7 - GARCIA (1976)

Às páginas 58 a 65, Garcia fala diretamente da categoria de aspecto definindo-a como “a representação mental que o sujeito falante faz do processo verbal com **duração**” (grifo nosso). Essa definição calcada em Vendryes⁸, embora incompleta, não apresenta a falha de apontar para elementos não aspectuais, mas a seguir Garcia diz que o aspecto “é a modalidade de ação, a sua maneira de ser, que não se deve confundir com o modo verbal propriamente dito (indicativo, imperativo, etc.)”, confundindo, por definição, o aspecto com a categoria de modalidade e com noções semânticas que nada têm a ver com categorias verbais, como bem se pode observar na listagem de aspectos por ele apresentada.

Quanto à expressão do aspecto, Garcia esclarece que este não tem no Português formas e flexões próprias como o tempo, o que não significa que o aspecto seja menos importante que o tempo, como poderia parecer. Garcia anota ainda que por não possuir no quadro de sua conjugação verbal formas exclusivas para indicar o aspecto, o Português utiliza construções subsidiárias, como as perífrases, para expressar o aspecto ou utiliza “certos utensílios gramaticais adequados a esse mister” que, entretanto, ele não diz quais são.

Entre as noções aspectuais e aspectos expressos por perífrase que ele apresenta, muitos nada têm a ver com aspecto, estando mais ligados à modalidade ou então são apenas noções semânticas que não se ligam a categorias verbais. Neste caso estão a **causação** (aspecto causativo ou factivo); a **obrigação**, o **compromisso** e a **necessidade**, a **volição** (aspecto desiderativo, volitativo ou intencional); a **permissão**; a **possibilidade** e a **capacidade** (aspecto potencial); a **conação** (aspecto conativo); a **iminência** (aspecto iminente); o **resultado** (aspecto resultativo). Ao falar de “tonalidades aspectuais nos tempos simples e compostos”, Garcia afirma que os tempos simples e compostos aparecem, às vezes, claramente ou levemente matizados de aspecto, mas que nem sempre é fácil saber se se trata realmente de aspecto ou de diferentes acepções da mesma forma temporal e apresenta vários itens, dizendo que podem referir-se a aspecto ou a tempo, o que não importaria muito distinguir, não esclarecendo, pois, o que pertenceria a aspecto e o que pertenceria a tempo. Todavia podemos desde já dizer que não são aspectuais as seguintes noções ou usos: **ação próxima e decidida**, **promessa ou ameaça**, **maior realce para fatos**

⁸ VENDRYES, J. *Le langage*. Paris: La Renaissance du Livre, 1921, p.117. Apud Garcia (1976).

passados, citação (para presente do indicativo); **simultaneidade, concomitância, futuro do pretérito, vontade ou desejo, em discurso indireto implícito** (para o pretérito imperfeito do indicativo); **probabilidade, incerteza, cálculo aproximado, hipótese, observância a preceitos ou normas, ordem atenuada, pedido ou sugestão, eventual, deliberativo** (para o futuro do presente); **desejo e esperança** (para o pretérito mais-que-perfeito do indicativo).

Considerando o fato de os tempos apresentarem tantos matizes semânticos sob a camada da mesma desinência temporal, Garcia propõe falar-se em **tempos-aspectos**, embora insista em dizer que tempo é uma coisa e aspecto outra.

Dentre as noções que apresenta podem ser consideradas verdadeiramente aspectuais as seguintes:

- a. **Duração** (curso, frequência) define aqui o **aspecto durativo** que frisa a duração ou continuidade do processo, da ação. Subdivide o durativo em **progressivo** (que em realidade não é um aspecto como já dissemos), quando a ação intensifica-se cada vez mais e **curso**, quando a ação se desenvolve simplesmente. Caracteriza o gerúndio e o pretérito imperfeito do indicativo como formas típicas do aspecto durativo que também é expresso pelas perífrases “estar / andar / viver / continuar / ficar + gerúndio ou a+infinitivo”;
- b. **Iteração** (repetição) que seria um aspecto variante do de duração normalmente expresso por perífrases tais como “tornar / voltar + a + infinitivo” ou pelo prefixo RE- (reler, retransmitir);
- c. **Incoação**: tem-se aqui o aspecto **incoativo** ou **inceptivo** definido pela ideia de ação iniciada mas ainda não concluída. É expresso pelas perífrases “começar a (ou seu equivalente) + infinitivo” ou pelos sufixos **-ecer, -escer**;
- d. **Cessação ou terminação**: tem-se aqui o aspecto **cessativo** ou **concluso** segundo Brugmann⁹ ou **efectivo, perfectivo** ou **transicional** segundo Gray¹⁰ que apresenta a ação como terminada. É expresso pelas perífrases “acabar / terminar / cessar / vir + de + infinitivo”.

Como vemos, o perfectivo está sendo colocado como acabado, terminado.

⁹ BRUGMANN, Karl. Abrégé de grammaire comparée des langues indo européennes. Trad. fr. de J. Bloch. Paris: Klincksieck, 1905, p.521-3. Apud Garcia. (1976, p.61).

¹⁰ GRAY, Louis H. Foundations of language. New York: Macmillan, 1939, p.207. Apud Garcia (1976, p.61).

- e. **Habitualidade** ou **Frequência** com o presente do indicativo ou o pretérito imperfeito do indicativo (imperfeito habitual). Ao falar de presente **universal** ou acronístico e em futuro **gnômico** ou **proverbial**, que indicam fatos habituais perenes, doutrina firmada, conceitos filosóficos ou morais, verdades de ordem geral, Garcia faz referência ao que chamaremos de aspecto **indeterminado**.

Como se pode ver, Garcia, embora traga contribuições ao estudo do aspecto no Português, não apresenta uma definição abrangente da categoria nem um quadro aspectual coerente internamente e nem com a definição dada de aspecto e confunde aspecto e modalidade.

1.3.8 - CÂMARA JR. (1970), CÂMARA JR. (1974A, p.84-6) E CÂMARA JR. (1974B, p.140-8)

Câmara Jr. define o aspecto como “a propriedade que tem uma forma verbal de designar a **duração** do processo (momentâneo ou durativo) ou o aspecto propriamente dito sob que ele é considerado pelo falante (Exemplo: em seu começo - incoativo)”. Diz ainda que o aspecto é a maneira de ser da ação e que apresenta o processo verbal do ponto de vista da sua duração.

Reunindo o que ele diz em diferentes passagens podemos dizer que ele apresenta o seguinte quadro aspectual, sem qualquer dúvida calcado no proposto por Brugmann (ver nota 10):

- a. **aspecto inceptivo ou incoativo**: indica a ação que principia, a ação em seu começo, marca o princípio de um processo;
- b. **aspecto inconcluso ou imperfeito**: apresenta a ação que se desdobra sem alusão ao início ou ao fim, a ação em seu curso e ainda inconclusa;
- c. **aspecto concluso ou cessativo ou perfeito**: apresenta a ação que termina, acabada, em seu fim e já conclusa, marca o fim de um processo;
- d. **aspecto permansivo**: apresenta o processo como concluso, mas permanente, persistente em seus efeitos, à maneira de uma coisa adquirida;
- e. **aspecto resultativo**: registra os resultados de um processo realizado;
- f. **aspecto pontual ou momentâneo**: assinala um processo realizado de maneira súbita e instantânea;
- g. **aspecto durativo**: frisa a duração do processo. Subdivide-se em:
 - g.1 – **progressivo**: é o durativo em que o processo se intensifica cada vez mais;

- g. 2 – **cursoivo**: é o durativo em que o processo se desenrola simplesmente;
g. 3 - **frequentativo** ou iterativo: é o durativo em que o processo se repete por uma série de processos pontuais.

Segundo Câmara Jr. o aspecto pode ser expresso:

1. pelo **semantema** do verbo. Exs.: partir (inceptivo ou incoativo), chegar (concluso ou cessativo), cair (pontual), andar (durativo), andar, viajar (inconcluso);
2. por **sufixos**. Exs.: -ITAR, -EJAR (frequentativo); -ECER(incoativo);
3. pela **conjugação verbal**:

A - **tempos verbais**: presente do indicativo (iterativo); pretérito imperfeito do indicativo (inconcluso ou imperfeito); pretérito perfeito (concluso ou perfeito), embora Câmara Jr. (1970, p.90) afirme que o pretérito perfeito é indiferente à assinalização de aspecto concluso ou inconcluso.

B - perífrases:

- a. **Cursivo** (no presente, passado e futuro) e durativo (em qualquer tempo):
“estar + gerúndio ou a + infinitivo”, “ir + gerúndio (durativo progressivo);
- b. **Cessativo** (concluso, realização perfeita):

• **TER ou HAVER + PARTICÍPIO**: Essa perífrase expressa o cessativo em todos os tempos exceto no presente do indicativo onde assinala um fato constante (contínuo ou repetido) até o momento presente ou esporadicamente um aspecto permansivo (Exemplo: “A areia **tem corrido** e o livro de minha infanda história está completo”- Varela, Obras, II, 38). Pode-se afirmar que o uso permansivo desta perífrase inexistente hoje, pelo menos no Português do Brasil.

• **SER + PARTICÍPIO** (de verbo intransitivo). Exs.:

2. “Já cinco sóis **eram passados**” (Lusiadas, V-37)
3. “Meu Deus, meu Deus, pois a isto **somos chegados!**”
(Cf. Boléo, 1936)¹¹

c) **Inceptivo**: “ir + infinitivo”.

¹¹ Exs. apud. Câmara Jr. (1974a, p.86).

O próprio Câmara Jr. diz que com esta perífrase o processo se apresenta como prestes a começar, portanto não pode ser, como se verá, marcadora de aspecto inceptivo.

C - **formas nominais**: o gerúndio indica o aspecto inconcluso ou imperfeito e o particípio o aspecto concluso ou perfeito.

4. pela **repetição do verbo**. Exemplo: “**cai, cai**, balão, na rua do Sabão...” (aspecto durativo).

As referências de Câmara Jr. a aspecto, embora das mais bem estruturadas, não deixam tudo claro, pois, por exemplo, o que seriam os “aspectos propriamente ditos” a que ele se refere na definição apresentada?

1.3.9 - CASTILHO (1967)

O trabalho de Castilho é, sem qualquer dúvida, o trabalho mais completo sobre o aspecto no Português e um dos poucos que se dedicam ao estudo apenas desta categoria verbal em nossa língua.¹²

Castilho faz um rápido apanhado sobre o verbo e suas categorias; passa à exposição do “Estado da Questão do Aspecto”, falando da descoberta da noção aspectual num rápido histórico em que, além das referências ao estudo do aspecto por estudiosos de vários países, anota umas poucas referências a autores de Língua Portuguesa que trataram da categoria aspectual. Na apresentação do “Estado da Questão do Aspecto” fala também da contribuição de diferentes escolas linguísticas ao estudo do aspecto e finalmente busca distinguir entre aspecto e modo de ação.

Após ligeira exposição sobre o método de trabalho, passa a falar d’ “O aspecto verbal na língua portuguesa”, explicitando que seu objetivo foi “estudar o quadro dos aspectos no Português e os recursos de que a língua dispõe para sua expressão”.

Castilho expõe um quadro aspectual que procuraremos apresentar o mais resumidamente possível logo adiante, e aponta como meios de expressão do aspecto o **semantema do verbo**, a **flexão temporal**, os **adjuntos adverbiais**, certos **tipos oracionais**, o **complemento do verbo**, as **perífrases** e os **sufixos**.

Do capítulo II ao capítulo V, Castilho expõe com farta exemplificação como se expressa cada aspecto em particular pelos recursos acima. Termina apresentando uma conclusão em que, além de resumir as contribuições que fez ao estudo do

¹² Além do trabalho de Castilho conhecemos apenas o trabalho de Gomes Neto (1977) ao qual nos referimos mais adiante.

aspecto, coloca vários pontos relacionados à categoria que ele julga que merecem ser estudados por outros trabalhos.

Evidentemente não é possível inserir aqui tudo o que diz o trabalho de Castilho, todavia vamos apresentar, de maneira bastante sintética, o conceito de aspecto e o quadro aspectual dados por Castilho, para que deles possa ter ideia quem não tenha acesso ao seu trabalho. Quanto aos meios de expressão do aspecto limitaremos-nos à enumeração feita acima. Entretanto na medida em que colocações de Castilho tiverem relação com nosso trabalho, faremos as referências e citações nos pontos em que se fizerem necessárias.

Castilho conceitua aspecto em três passagens diferentes: à página 14, diz que aspecto “é a categoria que atualiza o processo definindo-lhe a duração” e também que “aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento. É pois a representação espacial do processo”; à página 41, Castilho conceitua o aspecto como “a categoria que se reporta aos graus de realização da ação”.

Quanto ao quadro aspectual apresentado por Castilho, temos inicialmente a colocação de quatro valores fundamentais a que correspondem os quatro aspectos principais da língua e que Castilho apresenta no seguinte quadro:

VALOR	ASPECTO
Duração	Imperfectivo
Completamento	Perfectivo
Repetição	Iterativo
Neutralidade	Indeterminado

Os quatro aspectos básicos apresentam subdivisões que Castilho esquematiza no seguinte quadro:

VALORES	ASPECTOS
1. Duração	Imperfectivo Inceptivo Cursivo Terminativo
2. Completamento	Perfectivo Pontual Resultativo Cessativo
3. Repetição	Iterativo Iterativo imperfectivo Iterativo perfectivo
4. Negação da duração e do completamento	Indeterminado

O aspecto imperfeito tem três subtipos de acordo com o matiz de duração presente. São os seguintes:

- a. **aspecto imperfeito inceptivo** que marca a “duração de que se conhecem claramente os primeiros momentos, pressentindo-se o seguimento do processo”. Este aspecto apresenta duas subdivisões: o **aspecto inceptivo propriamente dito** (começo da ação puro e simples) e o **aspecto inceptivo incoativo** que marca o começo da ação e consequente mudança de estado;
- b. **aspecto imperfeito cursivo** que marca “a duração de que não se reconhece o princípio nem o fim, apresentando-se o processo em seu pleno desenvolvimento”. Este aspecto tem duas variantes: o **aspecto cursivo propriamente dito** e o **aspecto cursivo progressivo** que insiste num desenvolvimento gradual do processo;
- c. **aspecto imperfeito terminativo** que marca “a duração de que se conhece o término”.

Para Castilho, “a noção de completamento, peculiar ao aspecto perfectivo, implica na indicação precisa do começo e do fim do processo, polos estes separados por um lapso de tempo extremamente curto e não significativo. As nuances decorrentes da ação totalmente decursa (portanto o perfectivo, para ele, é o acabado) permitem subdividir o perfectivo em três tipos”:

- a. o **perfectivo pontual** que seria o perfectivo por excelência representado graficamente por um ponto;
- b. o **perfectivo resultativo** que indica o resultado consequente ao acabamento da ação;
- c. o **perfectivo cessativo** onde se depreende da ação expressa pelo verbo uma noção de negação que se reporta ao presente.

O **aspecto iterativo** que surge da noção de ação repetida é considerado como um verdadeiro coletivo de ações que podem ser durativas (o que dá o **aspecto iterativo imperfeito**) ou pontuais (o que dá o **aspecto iterativo perfectivo**). Para Castilho este aspecto é intermediário entre o perfectivo e o imperfeito. Para ele o hábito surge quando a repetição se faz inconsciente.

O aspecto **indeterminado** se caracteriza por não ser nem perfectivo, nem imperfeito e é avesso não só à expressão de aspecto, mas também à de tempo.

O próprio Castilho anota à página 49 que as noções de **incoação** (mudança de estado), de **progressão**, de **resultado** e de **cessamento** não são noções aspectuais, embora sirvam para caracterizar aspectos uma vez que costumam aderir a eles.

Convém ainda destacar que o estudo de Castilho se baseou principalmente em exemplos tirados de escritores brasileiros e portugueses modernos.¹³

O trabalho de Castilho, bastante rico e profundo, serviu-nos de plataforma primeira para o estudo a que nos propusemos, mas, como se verá, chegamos a resultados bastante diversos tanto no que respeita ao quadro aspectual proposto, quanto no que respeita à interpretação de certos fatos. Além disso, damos um passo adiante ao explicitar e explicar certos mecanismos que Castilho não apontou como também ao colocar e explicar uma série de fatos relativos ao aspecto e aos quais Castilho não se refere.

1.3.10 - OUTROS AUTORES

Fora os trabalhos aqui já citados cumpre-nos fazer certas anotações sobre outros. Rocha Lima (1973) não fala de aspecto ou de noções aspectuais nem diretamente, nem indiretamente. Cretella Jr. (1953) nega a existência do aspecto nas línguas românicas o que só nos permite utilizá-lo como um trabalho de caráter geral. Gomes Neto (1977) não traz nenhuma contribuição inteiramente nova ao estudo do quadro aspectual do Português e sua expressão, uma vez que seu objetivo era verificar quantas e quais modalidades de aspecto se realizam na literatura de cordel, quantas e quais eram as formas de expressão dessas modalidades e se o aspecto verbal se realiza diferentemente na literatura propriamente dita e na literatura de cordel e, em caso afirmativo, quais as diferenças. Gomes Neto, pela eliminação das noções de incoação, progressão, resultado e cessação (que o próprio Castilho já afirmara não serem aspectuais) e do indeterminado por não ser aspecto (segundo ele) reduz o quadro aspectual apresentado por Castilho ao seguinte:¹⁴

EXPRESSÕES	ASPECTOS
I. Duração	I. Imperfectivo
	I.A. Inceptivo
	I.B. Durativo ¹⁵
	I.C. Terminativo
II. Completamento	II. Perfectivo (Pontual)
III. Repetição	III. Iterativo

¹³ Veja-se a este respeito o que diz Castilho (1967, p.48), item 31.

¹⁴ Gomes Neto (1977, p.49).

¹⁵ Corresponde este aspecto ao “Imperfectivo cursivo propriamente dito” de Castilho.

Como resposta à questão motivo de seu trabalho, Gomes Neto anota que não há diferenças significativas entre a literatura propriamente dita e a literatura de cordel no que se refere ao aspecto e sua expressão. Alude a um outro trabalho que aborda especificamente o aspecto: seria o *Reflexões sobre o aspecto verbal* de Simões Ventura publicado em Coimbra em 1921, mas nem ele nem Castilho encontraram o referido trabalho para ler. Nós também não pudemos consultar este estudo sobre o aspecto. Brandão¹⁶ apresenta um quadro aspectual e enumera recursos linguísticos de expressão sem especificar o que cada um pode expressar, mas não acrescenta nada de novo ao que já foi dito.

Cremos ter exposto o que de mais pertinente há sobre o aspecto no Português. Os motivos de semelhante exposição são claros: dar uma visão geral do que já se estudou sobre o aspecto em nossa língua e facilitar o entendimento de referências feitas neste trabalho.

¹⁶ BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe clássica portuguesa*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963. Não tivemos acesso a esta obra. Nossa observação é baseada nas informações de Castilho (1967, p.28)